



IX SEMINÁRIO NACIONAL E III INTERNACIONAL
ESTADO, EDUCAÇÃO, CLASSES SOCIAIS E
MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE

26 A 28 DE NOVEMBRO DE 2024
LIMOEIRO DO NORTE - CEARÁ - BRASIL



GT: Movimentos Sociais e Educação do Campo

A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA COMO PROPOSTA DE PRÁTICA SUPERADORA ÀS ESCOLAS DO/NO CAMPO DO MUNICÍPIO DE BANABUIÚ

Carla Yáskara Silveira¹

Lia Pinheiro Barbosa²

RESUMO: No município de Banabuiú, as escolas situadas no território do campo seguem a mesma organização curricular de avaliação, de calendário letivo e de rotina pedagógica das escolas urbanas. Diante desta realidade, objetivamos promover nas escolas do/no campo do referido município o estudo da pedagogia histórico-crítica (de agora em diante PHC), de Dermeval Saviani, com o grupo de professores e gestores, a fim de propor a PHC como prática superadora, fortalecedora do paradigma contra-hegemônico de educação do campo. O fundamento teórico-epistêmico deste estudo está centrado no materialismo histórico-dialético fundado por Karl Marx e segue um percurso metodológico o qual contempla a revisão bibliográfica acerca das categorias teóricas: educação do campo, território e pedagogia histórico-crítica, fundamentando-se em autores como: Saviani (2012), Martins (2017), Taffarel (2013). Acreditamos que o estudo da pedagogia histórico-crítica se desdobrará em práticas pedagógicas que fortalecerão a educação do campo no município.

PALAVRAS-CHAVE: Educação do Campo. Pedagogia histórico-crítica. Formação de Professores.

INTRODUÇÃO

A Pedagogia histórico-crítica é uma teoria pedagógica de autoria do professor e pesquisador Dermeval Saviani que se baseia na concepção dialética-materialista de Marx. Essa teoria busca mostrar as contradições do modo de produção e ideologia capitalista e se contrapor às teorias pedagógicas hegemônicas, as quais reproduzem os interesses da classe dominante. É, pois, uma teoria que se pretende revolucionária, articuladora da educação com a luta de classes, que visa a emancipação da classe trabalhadora, tão oprimida e explorada pelo sistema capitalista.

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE/FAFIDAM/FECLESC), professora da rede estadual de ensino do Ceará (SEDUC-CE). Endereço eletrônico para contato: carla.yaskara@aluno.uece.br

² Doutora em Estudos Latinoamericanos pela UNAM. Docente pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Endereço eletrônico para contato: lia.barbosa@uece.com



IX SEMINÁRIO NACIONAL E III INTERNACIONAL
ESTADO, EDUCAÇÃO, CLASSES SOCIAIS E
MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE

26 A 28 DE NOVEMBRO DE 2024
LIMOEIRO DO NORTE - CEARÁ - BRASIL



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os fundamentos da pedagogia histórico-crítica se organizam, conforme aponta Galvão, Moura e Martins (2019, p.139-153), em cinco elementos nucleares, são eles:

- a) caracteriza-se por uma atividade cuja dimensão ontológica não pode ser desconsiderada;
- b) assume dialeticamente a transmissão de conhecimentos como núcleo essencial do método pedagógico;
- c) exige professores com pleno domínio do objeto de conhecimento a ser ensinado aos alunos;
- d) é determinada por uma concepção ampliada de eixo e de dinâmica do ensino pautado na lógica dialética;
- e) reconhece o ensino e a aprendizagem como percursos lógico-metodológicos contraditórios e inversos, no interior de um único e indiviso movimento.

Os desdobramentos destes fundamentos serão discutidos, a fim de que possamos propor, especialmente às escolas do/no campo, como principal tendência pedagógica, capaz de aproximar a comunidade escolar da referida escola ao paradigma contra-hegemônico da educação do campo.

Para a Pedagogia histórico-crítica (Galvão; Lavoura; Martins, 2018, p. 128) a educação atua como mediação da prática social, conforme é possível depreender do texto a seguir: “educação é uma modalidade da prática social, o que significa que em hipótese alguma saímos da prática social para desenvolvermos atividade de estudo e depois retornamos a ela para agir praticamente”. O trabalho educativo deve ser o de análise da prática social para além da aparência. Assim, não basta somente ter informações superficiais, confusas e caóticas dessa prática social cuja manifestação se dá de forma empírica, mas entender o processo histórico que a constituiu, sua criação, seu desenvolvimento, suas transformações ao longo do tempo e como ela se apresenta hoje, conforme afirmam Lavoura e Martins (2018, p. 543):

O trabalho educativo implica não somente “conhecer” a aparência da prática social, mas, sobretudo, apreender o que essa prática social realmente é, considerando esse ser em sua personalidade histórica, ou seja, em seu surgimento, desenvolvimento, estrutura atual e tendências futuras de transformação (...) Implica não apenas deter informações caóticas e precárias dessa prática social, mas também compreendê-la como síntese de múltiplas relações e determinações numerosas.

A partir da pedagogia histórico-crítica é possível realizar a transposição didática da prática social caótica, embasada que está no método histórico-dialético, sendo a educação a mediadora da prática social transformada e transformadora. Segundo Saviani (2015), os alunos entram para a escola com uma visão sincrética, uma visão confusa e caótica da realidade e seus fenômenos. O papel da escola é fazê-los ultrapassar essa visão sincrética e chegar a uma visão sintética. Passar da percepção sensorial imediata, que é o empírico, para chegar ao concreto – síntese de múltiplas determinações.

Em outras palavras, Galvão, Lavoura e Martins (2019, p.129), sobre o fundamento metodológico da pedagogia histórico-crítica, explicam que



IX SEMINÁRIO NACIONAL E III INTERNACIONAL
ESTADO, EDUCAÇÃO, CLASSES SOCIAIS E
MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE

26 A 28 DE NOVEMBRO DE 2024
LIMOEIRO DO NORTE - CEARÁ - BRASIL



se direcionar pela vida cotidiana nos põe diante do aluno empírico (sujeito aparente, imediato), quando deveríamos guiar o planejamento didático-pedagógico pelo aluno concreto, que sintetiza relações sociais e precisa dominar conhecimentos que lhe permitam compreender a sociedade em que está inserido. Essas afirmações em nada representam desrespeito aos alunos ou os deixam em condição de submissão ou inferioridade. Trata-se de uma questão de coerência teórico-metodológica, tendo em vista o entendimento do ser humano como sujeito que se constitui e se desenvolve por apropriação da cultura.

O estudante, ao se deparar com a prática social tal qual ela é na sua realidade, realizará uma importante compreensão de si e do seu estar no mundo, entendendo que ele é um sujeito histórico, que se forma e se desenvolve por processos de apropriação cultural. Dessa forma, a atividade educativa está intrinsecamente ligada à vida, haja vista que o sujeito é, por assim dizer, um produto da sua história, vivendo numa realidade complexa, contraditória, sujeita às mudanças e transformações.

Assim, o conhecimento é constituído como passagem do empírico ao concreto pela mediação do abstrato, ou seja, a passagem da síntese à análise pela mediação da análise. Para a pedagogia histórico-crítica, é função da escola possibilitar o acesso dos indivíduos aos saberes historicamente acumulados, para que de posse dos saberes esses mesmos indivíduos possam, ao passo que problematizam, aprofundarem-se nas condições corretas aos conhecimentos, para que transformem sua realidade, conforme aponta Saviani (2012c, 112):

[...] para viver nessa sociedade e participar ativamente dela e na medida em que essa sociedade é detectada como insatisfatória para o atendimento das necessidades humanas, o que é necessário aos alunos aprenderem para agir nessa sociedade buscando transformá-la, superá-la na direção de uma forma social mais adequada às necessidades humanas. Esse é o sentido básico da problematização.

Dessa maneira, não se pode reduzir a problematização apenas à realização de perguntas feitas pelos professores aos alunos, visto que é pela problematização que se seleciona os conteúdos/saberes mais relevantes da prática social que precisam ser continuamente trabalhados e ampliados pela escola através do processo de instrumentalização - fundamento metodológico tido como nuclear no processo de apreensão dos conhecimentos, funcionando como a passagem do não domínio ao domínio de determinado conhecimento. À medida que os saberes e as estruturas vão sendo problematizadas surgem formas mais complexas de problematizações e, nesse movimento, os conhecimentos vão sendo ampliados, ou seja, a problematização da prática social gera a instrumentalização - domínio e aprofundamento dos conteúdos escolares, os quais darão ao aluno maior entendimento da realidade. À medida que a instrumentalização leva o estudante a avançar no domínio dos saberes trabalhados, isso já se configura como catarse. Para Galvão, Moura e Martins (2019, p. 138):



IX SEMINÁRIO NACIONAL E III INTERNACIONAL
ESTADO, EDUCAÇÃO, CLASSES SOCIAIS E
MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE

26 A 28 DE NOVEMBRO DE 2024
LIMOEIRO DO NORTE - CEARÁ - BRASIL



Trata-se, por conseguinte, da formação, em cada sujeito particular, das capacidades que já foram edificadas histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens, notadamente capacidade para agir com a máxima consciência acerca do que seja o objeto e os objetivos da ação. Só assim estaremos trabalhando efetivamente para a formação dos indivíduos dentro de uma perspectiva que busca a superação da sociedade de classes a partir da luta travada por sujeitos históricos, formados e transformados com a participação da escola.

Sendo a escola a formadora desse sujeito consciente, responsável pela construção das capacidades intelectuais, é necessário o entendimento e comprometimento coletivo acerca das potencialidades da PHC como fundamento teórico-pedagógico da escola do campo, e desta forma promover espaços de formação de professores e gestores escolares acerca dos fundamentos da pedagogia histórico-crítica, para que de posse do entendimento da teoria, a comunidade de professores possa selecionar melhor os conteúdos e saberes a partir da prática social, promovendo as aprendizagens necessárias, através da transmissão dos saberes historicamente acumulados, à melhor compreensão de sua realidade. Entendemos que desta forma os estudantes podem ampliar conhecimentos capazes de instrumentalizá-los a compreender, atuar e modificar essa realidade.

Logo, a escola é o local privilegiado para o desenvolvimento, para a transformação e para a revolução social, haja vista que sem ela o processo revolucionário está fadado ao fracasso, isso porque, conforme Taffarel (2013, p. 19), a escola “é a forma mais avançada que temos para garantir a formação de crianças, jovens e adultos no que diz respeito ao acesso ao patrimônio histórico produzido pela humanidade” e a PHC é a pedagogia revolucionária, ancorada na teoria marxista da educação como prática social e explicitada por Taffarel (2013, p. 21-22):

A teoria marxista ao explicar o modo de produção da vida, em especial o modo do capital organizar a vida e sua superação pelo movimento das contradições é uma teoria revolucionária da transformação social. Ela nos legou uma visão de mundo, uma filosofia que tem o ser humano e a produção e reprodução da vida como raiz, que tem como projeto histórico a transformação dos modos de produção que se expressa atualmente na transição do capitalismo ao socialismo rumo ao comunismo e, a dialética materialista histórica como lógica e teoria do conhecimento (Taffarel, 2013, p. 21-22).

A luta da classe trabalhadora pela superação do sistema hegemônico vigente se dá, principalmente, através da elevação da capacidade teórica dos estudantes, mas não só isso. O professor também deve participar de formações que o faça desenvolver uma consciência crítica capaz de combater as pedagogias do capital, além da necessidade constante da escola em assumir um programa de vida em que tenha o trabalho como princípio educativo e autonomia da gestão e administração escolar em lutar contra as pedagogias do capital, as quais defendem a manutenção da classe burguesa e seu modelo de exploração da classe trabalhadora. Em contrapartida, “o proletariado precisa de um alto grau de educação política, de consciência de classe e de organização. Não se pode



IX SEMINÁRIO NACIONAL E III INTERNACIONAL
ESTADO, EDUCAÇÃO, CLASSES SOCIAIS E
MOVIMENTOS SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE

26 A 28 DE NOVEMBRO DE 2024
LIMOEIRO DO NORTE - CEARÁ - BRASIL



aprender tudo isso em folhetos ou panfletos, mas essa educação deve ser adquirida na escola política viva, na luta e pela luta, no curso da revolução em marcha” (Luxemburgo, 2011, p. 113)”.
SEEMOV 2024 – MAIE – UECE

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É imperativo que este trabalho possa levar como contributo às escolas do/no campo do município de Banabuiú uma proposta de intervenção, a qual consistirá num processo formativo promotor do estudo teórico da pedagogia histórico-crítica e possíveis vivências com essa teoria pedagógica, tendo como público alvo os gestores escolares, os professores e os representantes da comunidade – pais, estudantes, líderes de associações comunitárias, objetivando com isso o fortalecimento da educação do campo.

Levaremos uma proposta à Secretaria de Educação do Município de Banabuiú, no formato de projeto piloto a ser desenvolvido numa escola situada em território camponês, no qual haja uma experiência de elaboração participativa de PPP nessa escola, o debate das teorias pedagógicas, temática da educação do campo, currículo, prática pedagógica e avaliação. Objetivamos, a partir dos resultados desse projeto piloto, propor que as demais escolas do campo do município de Banabuiú repliquem essa experiência e que, assim este se torne um projeto para toda a rede de ensino do campo do referido município.

REFERÊNCIAS

GALVÃO, Ana Carolina; LAVOURA, Tiago Nicola; MARTINS, Lígia Márcia. **Fundamentos da didática histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2019.

LAVOURA, Tiago Nicola; MARTINS, Lígia Márcia. A dialética do ensino e da aprendizagem na atividade pedagógica histórico-crítica. **Interface**, Botucatu, v. 21, n. 62, p. 531-541, 2017.

LUXEMBURGO, Rosa. **Reforma ou revolução**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SAVIANI, Dermalva. **A Pedagogia no Brasil: história e teoria**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8ª ed. Campinas, SP: Autores associados, 2003.

TAFFAREL, Celi Zulke; ROBRIGUES, Raquel; MORSCHBACHER, Márcia. A perspectiva da formação docente: analisando reivindicações históricas e propostas táticas superadoras. **Universidade e Sociedade**, Brasília, a. XXII, n. 51, mar. 2013. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.andes.org.br/img/midias/0cc898fd8f46837c1cf744e09bb2b8c6_1548264469.pdf. Acesso em: 06 jun. 2023.